

Lula prepara reação à ameaça de tarifaço de Donald Trump

Presidente faz reunião ministerial e disputa com irmãos Bolsonaro narrativa

Marcelo Camargo/Agência Brasil

Por Beatriz Matos

As novas ameaças tarifárias dos Estados Unidos (EUA) contra produtos brasileiros deixaram de ser apenas uma disputa comercial.

De um lado, o presidente Luiz Inácio Lula da Silva (PT) tenta converter a pressão americana em um discurso de defesa da soberania nacional. Do outro, o senador Flávio Bolsonaro (PL-RJ) busca se desvincular das acusações de que teria contribuído para o agravamento da crise ao estreitar relações com integrantes do governo Donald Trump.

No meio desse cenário aparecem temas que vão muito além das tarifas: minerais críticos, terras raras, relações com a China, Brics, crime organizado e até o julgamento do ex-deputado Eduardo Bolsonaro no Supremo Tribunal Federal (STF).

A escalada começou após o Escritório do Representante de Comércio dos Estados Unidos (USTR) recomendar uma sobretaxa de 25% sobre produtos brasileiros por supostas práticas comerciais consideradas desleais.

No dia seguinte, o mesmo órgão propôs uma nova tarifa de 12,5%, desta vez associada a alegações de falhas no combate ao trabalho forçado. Caso ambas sejam aplicadas simultaneamente, alguns produtos poderão enfrentar sobretaxas de até 37,5%.

“Brasil ajuda”

O vice-presidente Geraldo Alckmin (PSB-SP), um dos responsáveis pelas negociações, afirmou que os argumentos apresentados pelos EUA para justificar as novas sobretaxas “não se sustentam” e destacou que o Brasil está entre os poucos países do G20 com os quais os americanos mantêm superávit comercial.

“Entre os países do G20, só tem três países com os quais o Estados Unidos têm superávit na balança comercial: Reino Unido, Austrália e Brasil. Então, o Brasil não é problema, o Brasil ajuda”, afirmou.

Enquanto a área diplomática intensifica as negociações, Lula tem elevado o tom.

“Traição”

Durante reunião ministerial realizada nesta quarta-feira (3), o presidente afirmou que o Brasil foi tratado de forma incompatível com sua relevância internacional e classificou como “traição à pátria” a atuação de brasileiros que, segundo ele, trabalham para estimular punições contra o país.

“Não é possível”, disse Lula ao



Lula Marques/Agência Brasil.



Lula na reunião ministerial: “Brasil não é republiqueta”

Flávio rebate: “Lula prejudica o país”

afirmar que os Estados Unidos ignoraram os canais diplomáticos tradicionais e anunciaram medidas por meio das redes sociais.

O presidente também afirmou que o Brasil “não é uma republiqueta insignificante” e declarou que o país não aceitará ser tratado de forma subordinada.

Além das tarifas

Embora as tarifas tenham dominado o debate público, especialistas avaliam que a disputa está longe de ser exclusivamente econômica.

Para Adriano Gianturco, coordenador do curso de Relações Internacionais do Ibmec-BH, a estratégia adotada por Trump segue uma lógica mais ampla de utilização da economia como instrumento de poder.

“Diria que claramente não é uma questão meramente econômica, mas que obviamente envolve questões geopolíticas, questões também ideológicas, políticas, jurídicas. E também de interesses de negócios.”

Segundo ele, o presidente americano retoma uma prática associada ao neomercantilismo, utilizando o peso econômico dos EUA como ferramenta de barganha. “Ele critica alguns países, ele coloca algumas di-

ficuldades sobre alguns países para depois negociar. Ele se faz valer da própria potência dos Estados Unidos para barganhar, negociar de uma posição de vantagem.”

A interpretação é semelhante à do jurista e analista político Melillo do Nascimento. “A tarifa virou instrumento de pressão econômica, geopolítica e política. É a lógica Trump. Ele quer transformar comércio exterior em alavanca de poder.”

Na avaliação do especialista, os temas apontados pelos Estados Unidos — como comércio digital, etanol, propriedade intelectual, desmatamento e trabalho forçado — existem e fazem parte das discussões internacionais, mas funcionam também como instrumentos de uma negociação muito mais ampla.

“Quando tudo vira motivo para tarifa, a tarifa deixa de ser remédio comercial e passa a ser mensagem de poder”, afirmou Melillo.

A própria movimentação diplomática desta quarta-feira reforçou essa percepção. Durante reunião ministerial da Organização para a

Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), em Paris, o ministro das Relações Exteriores, Mauro Vieira, teve um encontro informal com o representante de Co-

mércio dos Estados Unidos, Jamieson Greer. Segundo informações divulgadas pelo portal R7, os dois conversaram sobre a continuidade do diálogo entre os países e sobre o prazo de 30 dias estabelecido por Lula e Trump durante encontro realizado recentemente em Washington. A sinalização indica que, apesar da escalada retórica, os canais diplomáticos permanecem abertos.

Terras raras

Um dos pontos que mais chamou atenção na fala de Lula durante a abertura da reunião ministerial foi a referência direta aos minerais críticos e às terras raras.

O presidente revelou ter entregue pessoalmente a Trump um documento sobre o tema durante a reunião realizada na Casa Branca. Segundo Lula, o material fazia parte de um conjunto de quatro documentos apresentados ao presidente americano para aprofundar a cooperação bilateral.

Lula comentou as novas pressões americanas. “Quem quiser explorar terras raras aqui, vai ter que falar com o governo brasileiro.”

A declaração ocorre em meio ao interesse internacional nos minerais estratégicos brasileiros. Esses insumos são considerados fundamentais para a fabricação de baterias, semicondutores, equipamentos militares, veículos elétricos e tecnologias associadas à transição energética.

Para Adriano Gianturco, porém, o tema não explica sozinho a atual ofensiva americana. “Todos os países do mundo têm interesses nas terras raras. A China também tem interesses das terras raras no Brasil. Assim como outros países.”

Ainda assim, a inclusão do assunto na narrativa presidencial mostra que o Planalto enxerga espaço para conectar a discussão econômica à defesa dos recursos estratégicos nacionais, fortalecendo o discurso

de soberania.

Guerra política

Se no plano diplomático a crise segue aberta, no campo político ela já produz efeitos concretos. Lula transformou os “irmãos Bolsonaro” em alvos centrais de sua narrativa. Durante a reunião ministerial, voltou a afirmar que existem brasileiros estimulando medidas contra o próprio país por interesses eleitorais.

A ofensiva ocorre após Flávio Bolsonaro intensificar contatos com integrantes do governo Trump e depois de Eduardo Bolsonaro se tornar alvo de uma ação penal no STF. O ministro Flávio Dino marcou para 16 de junho o julgamento da denúncia contra Eduardo. A Procuradoria-Geral da República (PGR) sustenta que o ex-deputado atuou nos Estados Unidos para pressionar ministros do Supremo e incentivar sanções contra integrantes da Corte e contra o próprio Brasil.

“Lula prejudica”

Enquanto isso, Flávio tenta construir uma narrativa oposta. Em vídeo publicado nas redes sociais, o senador afirmou que Lula estaria prejudicando as negociações ao atacar integrantes do governo americano, especialmente o secretário de Estado, Marco Rubio.

“Agora, você acha que xingar a pessoa com quem você vai ter que negociar ajuda ou atrapalha o Brasil? É claro que só atrapalha”, disse.

Flávio também rejeitou as acusações de que teria estimulado medidas contra o país. Segundo ele, durante sua visita aos Estados Unidos pediu diretamente a Trump que não taxasse empresas brasileiras e, posteriormente, reforçou o apelo em carta enviada a Rubio. “Se depender de mim, não vai ter tarifa nenhuma. Mas aí, o que o Lula faz? Xinga o secretário do Estado americano, ataca o presidente Trump”, afirmou.